

A Outra face da lua



O chamado ao silêncio que o Papa fez com tanta força em sua mensagem para o 46º Dia mundial das comunicações sociais, convida à reflexão aqueles que empenham seus dias nos vários meios da comunicação social. O convite do Pontífice não se refere a um silêncio vazio, feito de ócio ou de nada, mas a um tempo intenso e construtivo, denso, capaz de escuta. «Do silêncio advém uma comunicação mais exigente», diz Bento XVI, que se pode realizar, não pela agitação de aparecer, mas graças a um coração atento às pessoas que estão à nossa frente. As palavras podem ser como pedras.

Podem ser piores que pedras, porque as pedras caem, enquanto as palavras permanecem impressas no tempo. Junto a cada nossa informação, também a mais banal, está presente uma pessoa, com sua vida, suas histórias, seus dramas, suas alegrias e suas dores. Não podemos nunca esquecer disso. Por isso, antes de escrever ou de falar devemos refletir, pensar, raciocinar, meditar e lembrar que cada homem é feito à imagem de Deus.

No barulho no qual estamos imersos, nos atormenta a frenesia de ser visíveis, de chegar por primeiro. A avalanche comunicativa corre o risco de ofuscar mentes e corações. Acreditamos ter o mundo todo à nossa disposição, convictos que estamos de saber tudo e de ter descoberto todos os mistérios.

Esquecemos os desejos mais íntimos do homem, seus sentimentos mais profundos. Não valorizamos o anseio de felicidade inscrito nas pessoas que estão à nossa frente. Talvez, nem nossos interlocutores se apercebem destas perguntas, atormentadas por mil mensagens que continuamente chegam até eles. Nunca há espaço para uma pausa, para um momento de parada na navegação vertiginosa, que frequentemente conduz para fora do caminho.

O Papa adverte da necessidade de um «ecossistema que saiba equilibrar silêncio e palavra, imagens e sons». O homem percebe a necessidade de um retorno ao essencial, àquilo que tem valor em si mesmo, a um melhor conhecimento de si e dos outros. Nós, comunicadores temos em mãos uma notável responsabilidade: fazer emergir a realidade, toda inteira; também aquela parte que muitas vezes não encontra espaço nos grandes meios de comunicação, ocupados em comunicar-se entre si e fazer ribombar as grandes notícias.

A história do território poderia constituir a outra face da lua. Graças ao silêncio podemos colocar-nos à escuta de quem vive perto de nós e contar as histórias de esperança daquela multidão de “santos do cotidiano”, tão caros a João Paulo II. Um empenho que é um programa de trabalho e de vida.

Francesco Zanotti, presidente Fisc